

Projecto Integrado da Baixa da Banheira Fórum Movimento Associativo

O Papel das Associações na Comunidade
A sua Relação com Escolas, Famílias, Jovens e Associados



Clube de Futebol
"Os Barulhentos"



Clube de Futebol "Os Barulhentos"

Equipa de trabalho:

António Luís da Silva Paixão - Sócio nº 001

João Viegas Jacob - Sócio nº003

Miguel Viegas Jacob - Sócio nº004

Ruben Nascimento Paixão - Sócio nº007

Paulo José Paixão Moreira - Sócio nº008

Miguel Alexandre Pratas Correia - Sócio nº014

Sálvia Fontinha - Sócia nº032

Ilda Rosa da Silva Paixão - Sócia nº044

Vítor Daniel Carvalho - Sócio nº049

Sérgio Filipe Ferreira Faria - Sócio nº090

João Manuel Fialho Batista - Sócio nº110

Gabriel Antunes Silva - Sócio nº114

Contactos

Clube de Futebol "Os Barulhentos"

Rua Gago Coutinho nº 19 1ºDto
2835-124 Baixa da Banheira

www.barulhentos.org

barulhentos@gmail.com

Associações / Escolas

Desde sempre a escola foi o espaço destinado por excelência à aprendizagem do indivíduo, à descoberta do mundo e de si mesmo, sujeito a determinadas regras, rígidas na maioria das vezes, e em que o contacto que o sujeito tinha com outras pessoas resumia-se à cumplicidade natural com os colegas ou a um regime de obediência perante os adultos, duas situações extremas.

Surge então o papel das associações, que usufruindo de um meio mais informal, pode chegar ao jovem em domínios diferentes daqueles alcançados pela escola, podendo concluir-se que se estabelece um complemento entre as duas entidades e ao mesmo tempo uma cumplicidade na função de educar, em que uma actuação coordenada e conjunta significa um aumento de sinergias, um melhor acompanhamento educacional em termos de quantidade e qualidade.

Contudo as Associações e as Escolas actualmente posicionam-se como rivais, competindo pela máxima ocupação do tempo disponível do indivíduo, extremando posições, até mesmo que isso implique um défice de atenção e aplicação dada à outra entidade.

Não é pouco comum ver-se um excesso de actividades extra-curriculares oferecidas por parte tanto das escolas como por parte das associações, e dada a descoordenação entre as duas entidades, surgem actividades paralelas com o mesmo objectivo ou até mesmo com objectivos antagónicos o que conduz à dissociação de valores transmitidos.

Também importa reflectir no facto de as Escolas proporcionarem ao indivíduo a exposição a diversas actividades para além da educação, muitas das quais que podem ser desenvolvidas em maior grau de profundidade pelas Associações, mas por sua vez as Associações limitam o seu âmbito ao desenvolvimento destas mesmas actividades e não complementam ou nem sequer mesmo induzem a educação que individuo recebe na Escola.



Associações / Família

É na família que começa todo o processo de socialização e transmissão de valores ao indivíduo. Esse processo pode e deve ser continuado pela oportunidade da experimentação de novos desafios tidos no seio do mundo associativo.

Contudo nos dias de hoje configuram-se novos desafios colocados à família, começando nos horários dispendidos na vida activa em detrimento do tempo dispendido em reunião familiar e mesmo o próprio conceito de família cada vez mais sofre mutações já que poucas são as famílias tradicionais numa sociedade predominada por separações, divórcios, recasamentos, famílias mono-nucleares estão na ordem do dia, onde apenas um dos progenitores está presente ou onde o jovem se divide numa vivência entre dois lares distintos o que para além da confusão educacional provoca-lhe instabilidade emocional.

É neste contexto que pode surgir o papel das Associações, servindo de porto de abrigo e conferindo ao indivíduo a oportunidade de se sentir integrado numa outra família.

Por ausência de tempo, os pais são levados a colocar os filhos em demasiadas actividades descuidando assim tarefas que deveriam ser suas: a educação e a incutição de valores aos seus filhos, mas as próprias Associações onde estes jovens são colocados dificilmente estão preparados para os receber nestes âmbitos, já que nelas também reina uma “confusão” de valores, também porque cada caso é um caso e os meios humanos existentes não estão preparados para assegurar um acompanhamento adequado a cada um.

Mas se ao invés de particularizarmos analisarmos de uma forma geral concluímos que não existe uma estratégia comum dentro de quatro paredes que permita seguir um rumo concreto, que defina parâmetros educativos dentro da própria Associação.

Consequência de todos estes factores são a pouca capacidade de adaptação da criança a um mundo exterior, a capacidade de enfrentar e ultrapassar dificuldades e a letárgica acomodação em que acabam por cair e permanecer.

Associações / Associados

Abraham Maslow, psicólogo norte-americano, elaborou uma divisão hierárquica das necessidades a satisfazer para que o ser humano atinja a sua auto-realização, chamou-lhe a Pirâmide de Maslow e nela categorizou por níveis as etapas a percorrer para a persecução da auto-realização.

O terceiro de um total de cinco níveis alberga as necessidades "Sociais", como por exemplo, o sentimento de pertença a um grupo ou fazer parte de um clube.

Podemos então assumir que o ser humano não só precisa como procurará na sua vida pertencer a um grupo de afecto para além daquele que encontrará na sua família, procurará integra-se na sociedade e a ela dar a sua contribuição. O Associativismo será um dos melhores meios para o fazer, uma vez que serve exactamente para aproximar o indivíduo da restante comunidade.

Mas o que encontrará o indivíduo no Associativismo? Muito por certo encontrará um preço a pagar apenas para poder satisfazer o seu sentimento de pertença, chamam-lhe quota, depois se quiser realizar alguma actividade terá de dispor de divisa monetária, ou na maioria dos casos nem lhe é dada essa opção já que é preterido nas actividades em detrimento de alguém escolhido pela sua valia ou competência competitiva, configurando-se assim um cenário de total ausência de actividades destinadas ao usufruto pleno do associado.

Uma outra problemática que se coloca é a fraca divulgação ao sócio das actividades desenvolvidas pelas Associações, normalmente feita de forma passiva em que o Associado é informado apenas se frequentar determinado espaço físico, o que é inconcebível tendo em conta a tecnologia que temos hoje à nossa disposição. O C.F. "Os Barulhentos" é um exemplo dos sinais dos tempos, onde o contacto com os seus associados é, para além das vias tradicionais, feito também através do site e do blog oficial do clube, e também por email onde se divulgam os eventos mais próximos ou de especial relevo.

As Associações terão de evoluir, deixar de permanecer voltadas para o passado, fechadas no seu castelo, conservadoras e com receio da inovação, há que expandir e diversificar as suas actividades, conjugar esforços com outras Associações formando uma rede; aproximar os seus Associados, inclui-los no processo de tomada de decisão, torná-los no alvo da sua actividade e não apenas o seu suporte financeiro.

Associações / Jovens

As mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas alteraram significativamente a estrutura de vida familiar. Os hábitos quotidianos de vida transformaram radicalmente, os ritmos e as rotinas de crianças e jovens.

Brincar na rua é hoje uma espécie em vias de extinção. O tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado.

Do estímulo ocasional passou-se a uma hegemonia do estímulo organizado, tendo como consequência a diminuição do nível de autonomia das crianças/jovens, com implicações, a nosso ver, graves na esfera do seu desenvolvimento, emocional e social.

No nosso caso estamos preocupados com as necessidades de mobilidade e autonomia das crianças/jovens criando um ambiente acessível a experiências lúdicas e sociais. As crianças brincam e jogam onde quer que estejam.

Assim projectando correctamente este envolvimento, é esperável o desenvolvimento de segurança e comportamentos progressivamente mais lógicos e adaptados a situações imprevisíveis em função das referências culturais, é neste contexto que surgem as Associações, que conferem um importante dinamismo às etapas de crescimento dos Jovens, em que lhes são transmitidos valores sociais e conhecimentos enquanto pertença de determinado grupo.

Revelam-se também como um espaço onde o Jovem tem a possibilidade de se sentir integrado e com o qual se identifica.

Normalmente o papel atribuído aos Jovens restringe-se à participação nas actividades das Associações, quer por pressão dos pais, quer pela valência competitiva que ele proporciona e pela qual é acolhido, tudo em detrimento do individuo em si, da sua identidade e gostos pessoais, em que cada um vale não por quem é mas pelas expectativas que sobre si recaem. Cada vez mais falta espaço para o jovem "ocupar", para independentemente da sua aptidão mas forçosamente pelo seu gosto pessoal, ter oportunidade de se identificar.

Mas se quisermos ser mais abrangentes no que concerne ao papel dos Jovens, então não podemos deixar falar em integrar os Jovens nas estruturas directivas das Associações, em expô-los a outras realidades, sujeitá-los a novas aprendizagens, estando ao mesmo tempo a assegurar uma continuidade do movimento associativo mas ao mesmo tempo a dotá-lo de um incremento de qualidade e renovação de mentalidades.

Infelizmente na maioria dos casos, quando raramente são convidados para integrar direcções, são lhes atribuídos cargos em forma de último recurso, desprovidos de responsabilidades.

Cada vez mais confirma-se a teoria que o pensamento existente no meio associativo é que é sempre bom ver-se jovens a trabalhar mas nas Associações, não na nossa! São miúdos e sabem pouco como tal para eles reserva-se as tarefas de menor responsabilidade como guardar um bengaleiro ou encarregá-los de uma palete de águas, no fundo nada que os integre e os motive a uma participação mais activa.

Há que fomentar a sua participação activa e diminuir o fosso geracional entre os jovens e os demais associados, aproximando-os para em sinergia todos evoluirmos.

Há que pensar como podemos envolver os jovens num trabalho futuro que deve ser colectivo. Talvez seja necessária a envolvência dos mais jovens e uma renovação de ideias para que o movimento associativo voltar a ser um elemento congregador na sociedade e muito activo junto aos jovens. O papel do movimento associativo deverá ser cada vez mais o de dar voz aos jovens.

Não nos podemos esquecer que o futuro neles reside, o futuro da sociedade, dos valores e do movimento associativo.

